ANNO XXIII DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 11 DE MARÇO DE 1904 — N.º 1:039 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 240

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

O EXERCITO PORTUGUEZ

O sr. Xavier Machado, illustre official superior do exercito, acaba de publicar uma carta dirigida ao sr. João Franco, carta muito bem escripta, muito bem pensada, por varios motivos digna de se lêr. N'ella escreve o illustre e talentoso official:

«O exercito não está bem vestido, está mal calçado, o que é talvez peor do que estar descalço, está desarmado e mal organisado, não tem reservas em condições de solidez, não tem depositos, não tem quadros inferiores em harmonia com as unidades constituidas, não póde mobilisar-se, e nem sequer instruir-se como deve e como quer...»

N'uma palavra: o exercito portuguez não é nada. E' o que se conclue do que fica transcripto e de tudo o mais que o sr. Xavier Machado escreve na sua carta, animada d'aquelle espirito de verdade, de sinceridade, de patriotismo elevado que tanto caracterisa os escriptos do illustre official.

O exercito portuguez não é nada, e, comtudo, tem custado, e custa, muito, muitissimo dinheiro á nação.

Em que se tem gasto?

E' logico e justo que todos formulem com insistencia esta pergunta.

Além do exercito não ter que vestir, não ter que calçar, não ter armamento, nem organisação, nem instrucção, nem reservas, nem depositos, nem quadros, não tem mantas, nem enxergas, nem mobilias, nem quarteis.

Não tem nada!

A's regiões superiores nem sequer tem assistido o bom senso de tapar com arte as maiores miserias, para honra e brio nacional.

Ha poucos annos um general, inspeccionando o regimento aquartelado em Ponta Delgada, enviava d'alli, em cifra—porque teve vergonha de o enviar d'outra fórma—um telegramma ao ministerio da guerra declarando que encontrara os soldados cobertos de bicharada. Não havia ainda a verba de *despezas diversas* que os conselhos administrativos teem hoje ao seu dispôr. O coronel do regimento tinha-se fartado de pedir recursos para renovar a palha das enxergas. Debalde. Ninguem fez caso. Ninguem lhe deu a minima resposta. Até que chegou o general e encontrou os soldados n'aquella immundicie.

Isto em Ponta Delgada, onde aportam repetidas vezes navios de guerra extrangeiros, cuja officialidade vae ao quartel cumprimentar o commandante do regimento, não sendo raro pedir licença para visitar as casernas.

E vergonhas identicas se dão em Coimbra, onde o regimento está mettido n'um quartel verdadeiramente indecente, e n'uma ou outra localidade que por motivos especiaes é visitada pelo elemento extrangeiro.

Se os governantes tivessem algum decoro, ao menos n'essas terras teriam bons quarteis, boas bandas militares, emfim, collocariam ahi os regimentos em condições de não deixarem o nome portuguez envergonhado. Pois nem isso!

O exercito não tem que vestir, não tem que calçar, não tem armamento, não tem organisação, nem instrucção, nem reservas, nem depositos, nem quadros, nem mantas, nem enxergas, nem mobilias, nem quarteis, e não tem tambem independencia, autonomia, espirito de iniciativa, e disciplina.

Fala-se na possibilidade de nós sermos envolvidos ámanhã, como alliados da Inglaterra, n'uma conflagração geral. Santo Deus!

O tenente Rochas ainda tinha a experiencia dos combates, o tirocinio de Mascara, de Biskza, de Dellys e de Solferino para zombar, na *Débacle*, do formidavel poder de instrucção dos allemães. Nós estamos mais ignorantes do que os francezes em 1870, e só temos como escola e tirocinio de combate as pranchadas e violencias commettidas contra o povo indefeso nas ruas das cidades de Lisboa, Porto e Coimbra.

O official portuguez sabe que não precisa de estudar, de trabalhar, de valer pela sua intelligencia e pelos seus conhecimentos, para fazer carreira. Por ahi não faz nada. Para fazer carreira precisa apenas,—nem o consegue d'outra fórma—de escrevinhar calorosos elogios aos varios ministros da guerra, e a suas magestades e altezas, nos periodicos politicos e nas revistas militares. Ou de se salientar como administrador do concelho ou commissario de policia. O grande official do exercito portuguez, o que é altamente apreciado e cotado, é o que se distingue a dissolver reuniões politicas ou a carregar sobre as multidões desordenadas. O official do exercito cedeu o logar ao agente de policia.

D'aqui, e de todos os vicios terriveis que derivam d'esse espirito pretoriano que faz lei no exercito, resultou o abandono completo da profissão. No exercito portuguez não ha militares, não ha profissionaes, nem os póde haver. O regimen impediu-o, reduzindo uns ás condições de beleguins, e outros, o grande numero, ás condições de amanuenses, com toda a humildade, passividade, ociosidade e indifferença da burocracia civil em Portugal. Os que se manifestam por actos de servilismo, ou se salientam por actos ou intenções de violencia contra as liberdades publicas e as garantias do cidadão, são amados e servidos. Os restantes são desprezados e maltratados.

Isto annullou todo o espirito de iniciativa, matou todo o estimulo e desejo de trabalhar. Isto tirou ao exercito o caracter forte, que caracterisa a força armada em toda a parte. Isto fez do commando uma coisa pequenina, mesquinha, por vezes abjecta, ou elle se ostente em arbitrariedades de toda a ordem quando traz o *rei na barriga*, ou rasteje com medo de tudo, pusillanime e covarde.

Altivo, procedendo em nome da lei e da justiça, visando o grande fim da defeza nacional, nunca o é. Os que fazem quanto querem, fazem-no como favoritos. E um favorito, que é sempre um creado de servir, e nunca um homem independente, cioso da verdade e do direito, só faz quanto quer nos limites restrictos da vontade e dos interesses do patrão. Ha de subscrever primeiro a todos os desejos, a todas as ordens, a todas as imposições do patrão, para que o patrão lhe consinta que seja, por sua vez, descommedido e iniquo.

De qualquer fórma, tudo gravita em roda do ministerio da guerra, que, por seu lado, gravita em volta do *sol*. O poder militar tornou-se, como o poder civil, despotico, ferozmente centralisador. Com a differença de que o mal, que resulta d'esse despotismo, d'essa centralisação, sendo terrivel no elemento civil, é horroroso no elemento militar. Deem soldados ao exercito portuguez, deem-lhe armamento, deem-lhe fardamento, deem-lhe equipamento, deem-lhe todas as condições d'uma boa mobilisação, que elle nem por isso deixará de tombar e cahir, como massa bruta, desconjuntando-se e esmagando-se a si proprio. Porque, dando-se-lhe tudo isso, ninguem lhe dará o que só se consegue á força de muito tempo, muito trabalho, muita educação, o que só se póde obter n'um meio culto e moralisado, que são homens instruidos, previdentes, audazes, rectos, patriotas, humanos, com a intelligencia cultivada e a vontade disciplinada.

Nos quarteis o capitão não dá um passo sem licença dos majores. O major não dá um passo sem licença do coronel. O coronel não dá um passo sem licença do general. O general não dá um passo sem licença do ministro. O major invade todas as attribuições do capitão. O coronel invade todas as attribuições do major e do capitão. O general invade todas as attribuições do coronel. O ministro invade todas as attribuições do general. Como consequencia, o capitão não faz senão o que o major quer, o major não faz senão o que o coronel quer, e assim successivamente. No fundo, ninguem faz nada. Encostados uns aos outros, nenhum tem iniciativa, nenhum tem responsabilidade. Nenhum faz mais do que aquillo que é rigorosamente preciso para se não comprometter, sem se esquecer rigorosamente de se *não maçar*. A instrucção, a disciplina, a justiça, e tudo o mais, são subordinados a este criterio miseravel.

E' a grande educação militar da nossa terra.

Ora imaginem ámanhã este exercito, com estes vicios, com estes habitos, a combater o exercito russo, o exercito francez e o exercito allemão, como alliado do exercito inglez!

E' valente? Sem duvida, sem ser, todavia,—deixemos aos tolos o patriotismo idiota—mais valente do que os outros. Mas o peor é o capitão, no campo de batalha, não poder perguntar ao major o que se ha de fazer, como lhe pergunta no quartel, nem o major ao coronel, nem o coronel ao general. Mas o peor é não se poderem encostar uns aos outros, como se encostam nos quarteis. Mas o peor é que não indo acostumados a proceder por iniciativa propria, a tomar resoluções promptas e acertadas, não ha de ser sob o fogo inimigo que apprenderão a toma-las. Mas o peor é que o official não trará o soldado á mão, como nas paradas de exercicio, e o soldado entregue a si mesmo não saberá fazer coisa nenhuma. Mas o peor é que ninguem terá confiança nos outros, nem confiança em si proprio. Ninguem terá a consciencia do seu dever, nem a consciencia da sua responsabilidade. Como o exercito francez em face do exercito allemão. Como o exercito hespanhol em face do exercito americano. Como todos os exercitos dos regimens moribundos, que collocam a sua defeza e os seus interesses acima da defeza e dos interesses nacionaes.

Essa é a obra nefasta do regimen.

Obra irremediavel!

Póde o sr. Xavier Machado reclamar, com toda a sua sinceridade de patriota, com todo o brilho da sua intelligencia, as reformas mais profundas.

Ha uma que o regimen não faz. E' collocar a defeza da patria acima da sua propria defeza.

Nunca o fez regimen nenhum, condemnado, como o regimen actual, na consciencia publica.

E, então, façam o que fizerem, ha de subsistir o exercito tal qual é: minado de vicios, subordinado a um criterio mesquinho, presidindo-lhe o espirito pretoriano que largamente acabamos de definir, até chegar de novo Alcacer-Kibir, ou uma coisa que seja para nós similhante a Santhiago de Cuba ou a Sédan.

Com Inglaterra, ou sem ella.

E a este proposito conversaremos ainda, se tivermos pachorra para tanto.

REPUBLICANOS DE AVEIRO

O Debate e a *Resistencia* fazem largos commentarios ao nosso artigo *Republicanos de Aveiro*, declarando concordar plenamente com a doutrina n'elle expendida.

Muito folgamos com isso. Vê-se que o partido republicano se orienta, emfim, em harmonia com os interesses da patria e da democracia.

O Norte refere-se ao mesmo artigo, approvando, tambem, a sua doutrina.

Cartas d'Algures

11 DE MARÇO.

Como dissémos, o tal perigo amarello é uma verdadeira chimera. Nem economicamente, nem militarmente a Europa corre os perigos apontados pelos pessimistas.

A Europa e a America teem mais de 500 milhões de habitantes. A raça branca da America teria de ser solidaria com a raça branca da Europa, deante da invasão dos amarellos. Ora por mais lindas palavras que escrevam os pessimistas, não convencem ninguem de que seja facil engulir 500 milhões de creaturas, intelligentes, cultas, com todos os recursos d'uma grande civilisação.

E, depois, não são tambem os japonezes já civilisados? Só quando a China, o Sião, a Coreia e o Annam estivessem tão civilisados como o Japão, seria possivel, em ultima hypothese, a tal conquista da Europa. Mas, n'este caso, não correria perigo algum a civilisação. E este é o ponto importante.

Mas a civilisação do Japão é um verniz, diz-se. Não está mau verniz! Está-se vendo.

Coisas dos sábios, e dos patetas que estão sempre promptos a acceitar, como um evangelho, tudo quanto elles dizem. Cria fama e deita-te a dormir. Assim é. Em um sujeito passando por sábio póde dizer quantas heresias lhe venham á cabeça, que passam, para a grande maioria, como affirmações indiscutiveis. A maioria da humanidade não pensa. A besta humana encontra na ociosidade verdadeiro prazer. Um que pense. Os outros pensarão como elle.

Não está mau verniz! A fidalga Hespanha anda em progresso de caranguejo, ou pouco menos, ha seculos. Portugal da mesma fórma. O Japão eleva-se em trinta annos

até ao ponto de ameaçar sériamente a Russia collossal, e a raça superior somos nós, e a raça inferior são elles!

Ora temos conversado, como diz o povo na sua linguagem expressiva.

Os japonezes não ostentam simples valentia. Apresentam-se ao mundo tão intelligentes e tão instruidos como os mais intelligentes e instruidos povos europeus. Não são fortes em litteratura, ao que parece. Nem são beatos. E os litteratos e os beatos, é logico, não podem considerar superior quem não possuir litteratice e beatice. Falta só averiguar se a litteratice e a beatice são signal indiscutivel de superioridade. A avaliar por nós, que temos *litteratos* e beatos com fartura, e alli pela visinha Hespanha, que tem talvez ainda mais do que nós, não são.

O caso é que os marinheiros hespanhoes, que levavam bentinhos ao pescoço quando marcharam contra os americanos, não conseguiram fazer, sequer, uma beliscadura no inimigo. E os japonezes, que são *atheus*, obrigam os russos a estar encurralados para não serem desfeitos.

Porque é curioso, e muitos dos leitores não o saberão, que o espantoso progresso dos japonezes coincide com a diminuição sensivel do sentimento religioso. No Japão os livres pensadores estão em grande maioria, nas classes dirigentes. Nas classes populares ha completa ausencia de fanatismo, facto observado e registado por todos os que teem estudado a civilisação d'aquelle interessantissimo paiz.

Julien Vinson, por exemplo, depois de ter observado, no seu excellente livro *Les Religions Actuelles*, que logo apoz a revolução de 1867, que concentrou todos os poderes na mão do *mikado*, foram confiscados muitos dos templos budhas e fundidos os sinos para cunhar moeda, escreve:

«Desde 1880 que a religião está separada do estado; e, coisa notavel, esta reforma, que tanto assusta os liberaes da Europa, fez-se no Japão sem difficuldade alguma; foi a consequencia da revolução de 1867 que deu auctoridade official ao sintoismo. Parece que hoje (é certo) (1) abundam no Japão os livres pensadores; riem-se entre si da credulidade e fraqueza das mulheres que ensinam ás creanças o cathecismo e são devotas entre a toilette e o theatro.»

Vinson accrescenta:

«Sabe-se que os jesuitas levaram a sua religião a este paiz no seculo XVI, mas sabe-se tambem que foi rigorosamente prohibida no seculo XVII; uma perseguição implacavel estripou-os completamente: a lenda dos martyres japonezes é d'aquellas que o catholocismo romano mais explorou.»

D'essa praga ficaram elles livres. E, por isso, conservaram o cerebro fresco para a grande revolução civilisadora que veem realisando!

Não ha, pois, beaterio no Japão.

E se os japonezes não são litteratos, são industriaes, são mechanicos, são engenheiros, são guerreiros de primeira cathegoria, como o estão demonstrando. Fabricam as suas armas de infanteria, fabricam já, em parte, a sua artilheria, fabricam todas as suas machinas de guerra.

E que fabricamos nós em Portugal, nós, os da raça branca, os *superiores*?

A sua Universidade Imperial, de Tokio, que só tem um quarto de seculo, pois que antes era uma especie d'escola secundaria sem importancia, deixa na sombra muitas das universidades da Europa. Comprehende seis faculdades, direito, medicina, engenheria civil, lettras, sciencias e agricultura. O programma d'estudos é excellente. O numero de cadeiras é grande e com caracter pratico; em mechanica, por exemplo, ha tres; tres de construcções electricas; tres de architectura naval; uma de engenheria maritima; sem falar nas cadeiras de engenheria civil propriamente dicta.

A escola de instrucção elementar encontra-se em todas as aldeias, até nos burgos das montanhas. A instrucção primaria está universalmente espalhada. Com a instrucção secundaria succede a mesma coisa.

Além da Universidade Imperial, de Tokio, ha numerosas escolas superiores, onde se ensina a medicina, as sciencias physicas, as sciencias exactas e sua applicação, a arte militar, etc.

O que isto tem dado, vê-se. O Japão será vencido pela Russia. Como já dissémos, nós suppomos que o será. Mas é vencido pelo numero. Não é vencido pela intelligencia, nem pela instrucção. E essa intelligencia começou, póde-se dizer, a ser hontem cultivada. E é de hontem essa instrucção.

Que nos importa a nós o que dizem os sábios, se os factos estão acima das suas affirmações?

Quem se apresenta no mundo como o Japão se está apresentando, póde-se rir nas bochechas dos que lhe chamam povo inferior, dos que falam do seu verniz de civilisação. Se é verniz, ninguem, pelo menos, até hoje, se envernizou tão bem em tão pouco tempo.

Ridiculas, comicas vaidades dos homens! E como o motivo pessoal é sempre a razão suprema de todas as apreciações! Vão lá dizer a uma mulher loira e branca que é mais bella a formosura das morenas, ou vice-versa! Oiçam como um escriptor de subido merito, sem geito para falar, aprecia o orador. Dá a supremacia á eloquencia? Isso dá elle! E assim seguidamente.

Não veem os homens do norte, de cabeça de gallo, a considerarem a sua cabeça muito mais formosa e intelligente do que a cabeça dos homens do sul? A proclamarem a superioridade da brachycephalia sobre a dolichocephalia? Porque? Porque elles são brachycephalos. E' a razão suprema!

Porque é que o homem não quer admittir que a mulher possa ser tão intelligente como elle? Porque é homem.

O mesmo motivo, já conhecido e explicado, porque Deus é feito á nossa imagem e semelhança. Porque somos nós que o pintamos. Se fosse o boi, Deus seria um boi. Se fosse o burro, Deus seria um burro.

Isto sem offensa nenhuma para a Omnipotencia, nem para a Religião do Estado. Deus que nos perdoe. E o corregedor tambem.

Um amarello tão intelligente como um branco e tão capaz de civilisação como elle! Isso sim. Lá o permitte o sr. Le Bon, o sr. Faguet e todos os *faguetsinhos* que vão pelo mundo.

Será como quizerem. E se fôr como dizem, mais uma razão para eu cumprir o dever patriotico de chamar novamente a attenção dos que me lêem para o grande ensinamento que se tira do Japão.

E' tamanho o poder da instrucção que até faz com que os povos *inferiores* sejam superiores aos povos *superiores*.

Olhae todos para isso, e olhae bem.

Que é o grande ensinamento.

Que é a grande licção.

A. B.

(1) Ainda em 1901 uma revista japoneza perguntou aos estudantes da Universidade imperial se acreditavam n'uma qualquer religião e na necessidade de a manter. Responderam quasi todos affirmando o seu atheismo e a necessidade de libertar o povo de toda e qualquer religião.

Boa nova

Com grande alegria foi recebida n'esta cidade a noticia de chegar a salvamento á ilha de S. Miguel o nosso conterraneo Izaac Camello, commandante de um navio mercante, do qual se não sabia parte ha mais de quarenta dias.

A «Sociedade do Recreio Artistico», da qual Izaac Camello e dois filhos que o acompanham são socios, içou n'esse dia a sua bandeira em signal de regosijo.

O analphabetismo NO EXERCITO

A Tribuna, de 4 do corrente, na sua *Chronica Agricola*, escripta pelo sr. Figueiroa Rego, dizia:

«Digamos agora como a permanencia na caserna se torna util. A'quelles que não freqnentaram na infancia a escola primaria póde-se ministrar o ensno das primeiras lettras, unica e proficua maneira de tornar, em parte, obrigatoria a instrucção primaria, ta conquista honrosa de inconscientes victimas do obscurantismo analphabeo. Ha quem se tenha empenhado, comuma persistencia forte, com interesse de apostolo, em ministrar o ensino das primeiras lettras ao soldado. Rebrimo-nos ao illustre e meritissimo capitão de infanteria 23. de Coimbra, o sr. Homem Christo. Os esforços de s. ex.ª teem sido coroados do mais feliz exito, sempre animador e crescente. Para desejar seria que a sua patriotica e nobilissima attitude fosse enthusiasticamente seguida por todos os illustres officiaes do exercito; serviço este prestado á patria, não menos glorioso do que vencer os seus inimigos, que, bem considerando, o analphabetismo é o maior.»

O *Diario Illustrado*, publicando em supplemento uma carta do sr. Xavier Machado ao sr. João Franco, deixou expressa a opinião d'este illustre official a favor do ensino litterario por companhias no exercito. A este proposito escrevia *O Debate* de segunda-feira ultima:

A instrucção nas companhias—A obra do capitão Homem Christo—Os officiaes de infanteria 23—Opinião do official Xavier Machado.

O *Diario Illustrado*, de hontem, publicava em separata um escripto do official do exercito sr. Xavier Machado, muito conhecido e apreciado pelos seus estudos militares.

N'esse artigo, o sr. Xavier Machado diz «que fazendo-se a instrucção do recruta em Portugal em não menos de 90 a 180 dias, um tal periodo de tempo é bastante para lhe ensinar cumulativamente, *e sem dispendio*, a lêr, escrever e contar. Os quadros das pequenas unidades (companhias, esquadrões e baterias), são bastante idoneos e, sobretudo, muito ciosos dos seus brios, para que saibam realisar praticamente nos quarteis essa grande obra de patriotismo e de humanidade, que torna o exercito a melhor escola systematica e proficua da nação.»

Ensinar a lêr, escrever e contar, aos soldados, considera o sr. Xavier Machado uma obra de patriotismo e de humanidade. São boas e honradas palavras que todos os seus camaradas do exercito deveriam fixar na memoria reflectindo sobre o alcance da obra iniciada pelo capitão Homem Christo e secundada pelos dignos officiaes de infanteria 23.

O sr. Xavier Machado, em nota opportuna, diz a proposito: «E' para salientar, applaudir e bemdizer a conducta dos officiaes de infanteria 23. A' intelligente iniciativa de Homem Christo ficou-se devendo um serviço relevante.»

Ainda bem que, o escriptor cujas palavras transcrevemos, é conhecido como realista irreductivel e, portanto, insuspeito ás regiões onde, até agora, a obra patriotica e humanitaria de proporcionar instrucção litteraria ao soldado, não é vista com bons olhos.

De hoje em deante não poderá dizer-se que apenas os «jornaes jacobinos» pedem que se ensine a lêr o soldado. E o capitão Homem Christo, cuja iniciativa tem sido contrariada por quem devia auxilia la, e mesmo combatida na imprensa politica—por escriptores militares! deve considerar como boa recompensa as palavras que deixamos transcriptas. Palavras que tambem louvam, com justiça, os dignos officiaes de infanteria 23, cujo exemplo devia ser seguido em todos os regimentos.

Tanta festa militar, tanta parada, tanto espalhafato ahi vemos sem resultado. Imagine-se que nobre e patriotico espectaculo, o concurso annual dos officiaes que tivessem ensinado com mais competencia o maior numero de recrutas, instruindo os, fazendo d'elles não sómente bons soldados, mas cidadãos que tivessem a consciencia da sua missão e ficassem comprehendendo bem o que devem á sua patria.

Nós cremos que, os officiaes portuguezes, ainda não attingiram bem, o alcance da obra que podiam realisar.

Ha tempos, aqui no *Debate*, publicámos em uma série de artigos, o trabalho d'um escriptor italiano, Olivieri Sangiaccomo, referindo o que fôra o trabalho glorioso dos officiaes seus compatriotas, ensinando os soldados nos seus regimentos, depois de realisada a unidade da Italia.

Com que orgulho todos nós, que trabalhamos na imprensa, registrariamos egual trabalho levado a effeito pelos officiaes portuguezes que, por tal motivo, mais uma vez bem mereceriam da patria!

No dia immediato, terça-feira, escrevia mais *O Debate*:

«Sr. redactor do *Debate*.—Varias vezes tenho lido no seu jornal artigos a respeito da instrucção do soldado, iniciada pelo capitão Homem Christo no regimento de infanteria 14 e continuada no regimento de infanteria 23, pelo mesmo official, acompanhado pelos seus camaradas e pelos sargentos.

Não conheço pessoalmente o sr. Homem Christo, embora de nome não me seja desconhecido. Mas, seja como fôr, a verdade é que esse official ha de passar aos olhos de muitos sabios cá da terra por maluco, tal qual como o sr. Casimiro Freire, o fundador das Escolas Moveis pelo Mehodo de João de Deus! Maluco e de primeira força. E v., sr. redactor, está em risco de adquirir a mesma fama, publicando tantos artigos em defeza da instrucção do povo.

Ninguem quer vêr, sr. redactor, que o futuro de Portugal está na instrucção. Triumpham os povos fortes, mas os fortes são os que teem melhores aptidões intellectuaes. Sem intelligencia cultivada o povo mais valente é um povo miseravel e um povo vencido.

Mas, entre nós, desgraçadamente, não se pensa assim.

A imprensa portugueza, se comprehendesse a sua missão, ha muito tempo que tinha emprehendido uma grande campanha contra o analphabetismo. Infelizmente, essa imprensa, nem dos seus interesses sabe tratar. Não percebe que, n'um paiz de analphabetos, ha de ter poucos leitores e arrastar uma vida cheia de difficuldades.

Voltando agora ao ensino dos soldados. Não haverá nenhum deputado que se atreva a propôr no parlamento o ensino por companhias no exercito? Nenhum par do reino se lembrará d'isso?

Ha na camara dos pares officiaes do exercito, ha na camara dos deputados varios militares. Pois esses senhores não teem iniciativa para propôr uma medida que seria vantajosa para o exercito? Não comprehendem esses senhores que um soldado instruido vale mais do que um soldado ignorante e tapado como uma porta?

E se os senhores officiaes, deputados ou pares, teem qualquer melindre em fazer a proposta, não haverá, entre a paisanada, entre os sabios doutores das duas camaras quem trate do assumpto?

Veja v., sr. redactor, se pede a esses cavalheiros que dispendam, ao menos, cinco minutos com o caso.

Desculpe a massada.

De v. etc.

Um assignante.»

A *Resistencia*, de quinta-feira ultima, escrevia tambem:

«O *Diario Illustrado* publicou ha dias, em separata, uma longa carta do official do exercito, Xavier Machado, muito versado em questões militares.

Aludindo á instrucção no exercito, diz o sr. Xavier Machado «que fazendo-se a instrucção do recruta em Portugal em não menos de 90 a 180 dias, um tal periodo de tempo é bastante para cumulativamente se lhe ensinar, e sem dispendio, a lêr, escrevêr e contar. Os quadros das pequenas unidades (companhias, esquadrões e baterias) são bastante idoneos e, sobretudo, muito ciozos dos seus brios para que saibam realizar praticamente nos quarteis essa grande obra de patriotismo e de humanidade, que torna o exercito a melhor escola systhematica e proficua da nação.»

E' o sr. Xavier Machado um monarchico *Enrajé*, e por isso as suas palavras mais alto valor tem, como resposta a oppôr ás criticas odientas e estreitas com que se tem facciozamente procurado depreciar a obra *humanitaria e patriotica* de instruir o soldado, obra de que o sr. capitão Homem Christo tem sido o apostolo mais ardente e dedicado.

O monarchico sr. Xavier Machado nobremente o consigna, em annotação justa, dizendo:

«E' para salientar, applaudir e bem dizer a conducta dos officiaes de infanteria 23. A' intelligente iniciativa de Homem Christo se ficou devendo esse serviço relevante.»

Pois essa campanha humanitaria e patriotica, longe de ser auxiliada por quem devia e podia faze-lo, não raro tem merecido más-vontades e criticas mesquinhas de espiritos retrogados, que na instrucção do soldado vêem um alarmante plano subversivo.

Que estes e similares testemunhos de reta e nobre justiça ás intenções e ao meritorio alcance da propaganda do capitão Homem Christo e dos seus desinteressados auxiliares, sirvam ao menos de consoladôra recompensa e proficuo antidoto contra as depreciações envenenadas de certos criticos.»

Como já dissémos, fazemos no *Povo de Aveiro* o registo de tudo quanto se vae escrevendo sobre este assumpto.

D'elle falaremos propriamente em outro dia.

A nossa carteira

Esteve quinta-feira n'esta cidade o sr. José Fernandes Mourão, digno administrador do concelho de Espinho.

*

A tratar dos seus negocios, partiu na terça-feira para Lisboa, o nosso amigo sr. Manuel da Rocha, importante proprietario e capitalista d'esta cidade.

*

Tambem foi a Lisboa tratar de negocios do «Syndicato Agricola», de cuja direcção é presidente, o sr. dr. Manuel Rodrigues de Carvalho.

*

Foi á capital o sr. dr. Carlos Braga, digno governador civil do districto.

*

Por o inesperado fallecimento de seu cunhado, partiu para o Porto o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão.

*

Esteve quinta-feira n'esta cidade o sr. Manuel Maria Amador.

*

Tem passado incommodado de saude o nosso amigo Joaquim Ferreira Martins, habil artista aveirense.

*

Partiu na quarta-feira para o Porto, regressando no mesmo dia a esta cidade, o sr. Domingos Pereira Guimarães, acreditado negociante da nossa praça.

*

Tem estado doente, encontrando-se já em adeantada convalescença, a sr.ª D. Maria do Pilar da Cunha Pimentel Homem de Mello, esposa do sr. dr. Antonio Homem de Mello, digno secretario do Tribunal do Commercio do Porto.

Uma grande fortuna é uma servidão.—Syrus.

SCIENCIAS E LETTRAS

O REI E O PLEBEU

(REFLEXÕES DE UM HOMEM DO POVO A SEU FILHO)

Um galante rapaz, de loura cêma,
amimando ao seu pae, assim dizia:
«Hei-de lêr e estudar em tanta somma
que hei-de chegar a ser o Rei um dia.»

O pae, de alegre, o aspecto triste toma,
e diz-lhe:—A natural philosophia
borbulha em ti, nos labios teus assôma,
mas não acceita a astuta hypocrisia!

—O heroe, o justo, o genio, á dôr se finam:
ao sabio serve o berço de empecilho;
á força bruta as leis sociaes se inclinam.

—Inda que sejas da virtude o brilho,
pelas miseras leis qu'inda dominam,
nunca chegarás a Rei, meu filho!—

DR. FERRAZ DE MACEDO.

OS PHOSPHOROS

Teremos, brevemente, de nos occupar novamente d'este assumpto, pois que as sempre celebres caixinhas de 10 réis continuam a vir n'uma desgraça, sem phosphoros ou phosphoros sem cabeça. Os de madeira, embora beneficiem as classes pobres, os negociantes d'aqui vendem-nos mais caros do que determinam as tabellas da companhia, porque, dizem elles, não lhes dão commissão.

E lá vamos assim caminhando para a mesma. Teremos, pois, de nos occupar de novo com o assumpto. Não promettam só. Cumpram.

Aos nossos assignantes

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes o favor de pagarem os recibos das suas assignaturas logo que elles lhes forem apresentados, para nos evitarem maiores despezas de cobrança. Assim procedem quasi todos. Alguns porém, descuidam-se, e d'ahi resultam embaraços que desejamos evitar.

Esperamos que esses attenderão este pedido.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje no jardim, se o tempo o permittir é o seguinte:

Ordinario. «Verbena de la Paloma. Zarzuella. (Breton). «Tannhauser». Selection da opera (Wagner). Ernani». Final do 4.º acto (Verdi). «Mi-carême». Polka. (Becucci). Ordinario.

Feira da madeira

Está chegando já grande quantidade de madeira de solho para este mercado annual, que se denomina—*Feira de S. José*—devendo ter logar no dia 19 d'este mez.

Recepção importante

Foi deveras imponente a recepção feita em Ovar ao illustre governador civil do districto, sr. dr. Carlos d'Almeida Braga, na visita que s. ex.ª fez áquella importante villa em um dos dias da semana finda.

O integro magistrado era esperado na estação do caminho de ferro por grande concurso de povo e varias phylarmonicas, sendo á sua chegada acclamado pela multidão.

Visitou varios estabelecimentos e casas de caridade, deixando vinte mil réis para os pobres da villa, além de outros donativos aos doentes do hospital da villa.

Em sua honra foi dado um banquete de cincoenta talheres, reinando n'elle o maior enthusiasmo e discursando s. ex.ª eloquentemente pelo que foi freneticamente applaudido.

Para a despedida na estação organisou-se uma marcha *aux flambeaux*, repetindo-se alli as manifestações do povo ovarense.

Sua ex.ª veio, ao que nos consta, muito agradado do povo de Ovar, e teve mais uma vez occasião de avaliar quanto é apreciada a sua excellente administração districtal.

Fallecimento

Falleceu no Porto o sr. dr. José Fortunato da Silveira Freire Themudo Vera, desembargador da Relação do Porto, para onde tinha ido ha pouco, da Relação dos Açores.

A toda a familia, e especialmente a seu cunhado, o sr. José Maria do Couto Brandão, o nosso cartão de sentidos pezames.

BAILES

Na noite de quarta-feira houve no salão da «Sociedade do Recreio Artistico» um imponente baile da *mi-carême*, onde se dançou animadamente quasi toda a noite.

Apresentaram-se muitas tricanas trajando *costumes*, a maior pardas quaes vestindo a primôr

A casa estava lindamente decorada, destacando-se a profusão de flôres e arbustos que enchiam o espaçoso salão.

A esta sympathica festa assistiu, por algum tempo, o sr. dr. Carlos Braga, governador civil do districto.

— O club dos *Gallitos* tambem promoveu no mesmo dia e no palco do Theatro Aveirense, um baile que esteve bastante animado.

As tricanas tambem se apresentaram de *costumes*.

Ainda a ponte da Bestida

Romureja-se para ahi que o governo assegura 5 por cento de lucros á casa constructora da projectada ponte da Bestida.

Um pau por olho.

Cinco por cento de lucros na ponte da Bestida é negocio arrumado. Quem se não tentará?

Não ha duvida que anda milagre no caso. Uma ponte em que se calcula gastar 600 contos e que poderá dar de rendimento 1:000:000 de reis annual, dar 5 por cento de resultado, é por força milagre de santo bem cotado na côrte celestial. Não póde deixar de ser.

Tomaria a empreza constructora que a ponte lhe désse 1½ por cento e já daria *vivas* á Christina por tal motivo.

Nós sempre havemos de vêr o resultado de tudo isto.

Entretanto a da Gafanha, que está a cahir de pôdre e de velha, alli continúa *armada* á espera de alguma «cargazita» maior para atirar com ella no fundo da ria.

Feira de Março

Está quasi concluido o abarracamento para a proxima feira de Março, que se realisa no dia 25 do corrente. Ao que nos consta, só teremos n'esta feira, como passa-tempo, a *Companhia Lisbonense*, sob a direcção do actor Oliveira.

Objectos photographicos

A casa commercial Antonio Ferreira Felix, Filhos (Successores), vae ser em Aveiro a depositaria do «Centro Photographico», do Porto, onde os srs. amadores e profissionaes se poderão sortir de todos os objectos concernentes á arte photographica.

E' mais uma lacuna que aqui é prehenchida, pois que até hoje os srs. photographos teem-se visto embaraçados para adquirirem de prompto os mesmos artigos.

E é de crêr que será um novo incentivo para todos os amadores da photographia e a maneira de desenvolver mais entre nós este bonito e agradavel genero de distracção.

Aveiro tem bonitos pontos de vista para serem photographados, tem bellos monumentos, os seus arredores são encantadores, e por isso não é para admirar que tal succeda.

Consta-nos que os preços das vendas serão feitos pelos da tabella do Porto.

PUBLICAÇÕES

Tratado de contabilidade, por Ricardo de Sá.—Recebemos as cadernetas n.os 25 e 26 d'esta publicação, á qual nos temos referido por varias vezes e que se assigna em Lisboa—Largo do Conde Barão 50, na *Editora*.

BAZAR DO RECREIO ARTISTICO

Receberam-se mais as seguintes prendas das ex.mas sr.as: D. Anna Quaresma, 1 par de jarras; D. Maria do Carmo Carvalho, 2 manteigueiras em vidro, 1 palmatoria de vidro, 1 copo lavrado, de vidro, 2 azeitoneiras em vidro, 1 calice em vidro chrystal, em duas côres, 2 pares de chavenas, 1 porta-biscoitos com aro metallico, 1 jarro e bacia em meniatura, 2 limpa-pennas, em setim, 1 paliteiro, figura em porcellana, 1 bilha de porcellana, 1 cesto com cerejas, em louça, 1 boneco de louça, 1 estojo com um frasco de essencia, 2 cestinhos phantasia, 1 alfineteira, 1 porta-relogios e 1 abcedario para bordar; D. Maria de Carvalho Barboza, 1 talher completo para sobremeza; D. Celeste Carvalho de Oliveira, idem, idem; D. Maria da Trindade Picado, 1 par de descanços para relogios, em vidro chrystal, e do ex.mo sr. Cesar Augusto Ferreira, 1 cigarreira e 1 charuteira de chagrim; D. Alcide Estrella de Lima e Gastro, 1 caixa com 6 lenços bordados a sêda; D. Besedeia Salgado, 1 descança-relogios em sêda, bordado; D. Maria José Ferreira Pinto Basto, 1 par de jarras; D. Laurinda Ferreira Felix, 12 colheres para chá; D. Rosa Reis Pereira Carvalho, 1 par de jarras, 1 charuteira em porcellana, 1 taboleiro e 2 atajeres de madeira em meniatura; D. Rozalina Augusta da Costa Azevedo, 1 lamparina dourada, para quarto; D. Adelaide de Moraes Cunha, 1 garrafa em vidro azul para agua, 1 par de figuras de biscuit; D. Alzira Pinheiro Chaves, 1 lenço de sêda bordado e 1 frasco de essencia de violeta; D. Maria do Carmo Henriques, 1 par de jarras (solitarias) e 1 copo de vidro lavrado para toilette; D. Conceição das Dôres Oliveira, 12 bonecas pequenas; D. Virginia Rosa da Silva Salgueiro, 1 tinteiro de madeira (estylo antigo); D. Luiza Marques Paes, 1 lata para chá, 1 par de jarrinhas e 1 caixa com papel e enveloppes; D. Maria Moreira de Mattos Miranda, 1 par de jarras e 1 paliteiro de biscuit; D. Maria d'Annunciação Andias, 1$000 réis em dinheiro; e dos ex.mos srs: Joaquim Thomaz da Costa, 1 par de jarras azues; Albino Mendes, sargento de infanteria 24, 1 quadro com photographias dos principaes edificios d'Aveiro; Antonio Maria Ferreira, 5$000 réis em dinheiro; Antonio Cardoso d'Azevedo, 1$000 réis tambem em dinheiro e D. Maria da Conceição Bastos, 1 relogio despertador.

Suicidio

Uma pobre mulher d'Ilhavo, conhecida pela *Maria Pitta*, desgostosa com a vida e naturalmente com o marido, de quem vivia separada, resolveu pôr termo aos seus dias, atirando-se á agua na ponte de Vagos, mais conhecida pela ponte de *Agua Fria*. Déram fé d'isso algumas pessoas que viram a roupa da infeliz n'um monte, pois que a desgraçada se despiu completamente antes de o fazer. Depois de varias pesquizas com *chinchas* lá encontraram o cadaver que foi removido para o cemiterio da villa.

Esteve no domingo n'esta cidade um representante da firma Telles & C.ª, do Porto, casa especial de café do Brazil, offerecendo a varias pessoas a prova d'aquella bebida, que nos dizem ser excellente.

Agradecemos o convite que nos foi feito.

Um supplicio horrivel

Para que se avalie o que é ainda esse paiz que se chama *China*, vamos transcrever a noticia d'um supplicio alli muito usado e que é a morte mais horrorosa que podem conceber cerebros barbaros: a morte lenta:

E' o supremo supplicio, o ultimo grau da escala do codigo penal chinez. Os criminosos incorrem n'elle com uma facilidade extraordinaria.

Insultaes n'um jornal a pessoa augusta do imperador: morte lenta. Desobedeceis-lhe: morte lenta. Uma mulher é adultera ou incestuosa: morte lenta. Um tumulo foi profanado: morte lenta. Um chefe não tem capacidade, como desgraçadamente succedeu ao marechal Sou no Kuag-Si: morte lenta.

E' engenhosa esta morte. Dura trez dias o minimo. Mas póde attingir oito dias. E' methodica. Começa-se por tirar as unhas dos dedos dos pés e das mãos. Depois um a um, minuciosamente, tiram-se os musculos, primeiro das barrigas das pernas, depois das coxas e finalmente dos braços. Seguidamente deslocam-se os ossos, desarticulam-se as juncturas, e o carrasco, glorioso, brande a tibia ou o fémur manchado d'um sangue fresco, d'um homem ainda vivo.

Mas isto são preambulos. E' preciso atacar o tronco. Fazem-se então incisões e, entre a derme e a pelle, deita se arroz, «paddy», e unta-se, unta-se, até que o recheio esteja completo. Acaba-se pela cabeça e é preciso que o paciente esteja ainda com vida. Fazem-se-lhe tropelias, arrancam-se-lhe os cabellos, os cilios, as palpebras, os dentes.

Um mandarim dos mais respeitados de Tonkim dizia uma vez, por exemplo, que a morte lenta era um fim engenhoso e encantador.

Uma occasião em que este alegre e digno magistrado assistia a uma cerimonia n'este genero, fez arrancar, ao quinto dia, os olhos d'um condemnado, mandando-os substituir por dois «letches», fructo vermelho do tamanho de ameixas.

E dizia o tal mandarim respeitado, de Tonkim que a morte lenta era um fim engenhoso e encantador. E' porque o bom do homem nunca tinha provado, sequer, os preambulos da *engenhosa festa*, porque do contrario não a acharia tão *encantadora*.

Para estas atrocidades é que as nações cultas deviam lançar os olhos.

Notas alegres

Um rico proprietario entrando um dia subitamente na cosinha e encontrando a cosinheira a beber uma garrafa de vinho:

— Francamente, Genoveva, estou admirado!

— E eu tambem, meu senhor. Julgava que tivesse sahido.

*

A viuva de Calino chora inconsolavelmente a morte do companheiro.

— Não entendo essa dôr—diz-lhe uma amiga—porque tu eras a primeira a confessar que elle não passava d'um animal.

— E era, sim; mas eu tinha-o domesticado.

---

(41) **FOLHETIM**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XIV

O segredo horrivel

—Nada—balbuciou Braz Luiz, receando que, depós isto, disparasse a affrontosa pergunta de quem era filho.

Francisco Luiz, n'este lance, lembrou-se da resposta que o *Olho de Vidro* lhe mandára bastantes annos antes, e sorriu-se interiormente do dito d'aquelle hebreu que ao mesmo tempo lhe escrevia presumindo que Braz Luiz de Abreu era filho sacrilego d'um frade, senão fosse filho de trez frades ao mesmo tempo.

A pratica ficou por aqui, visto que a physionomia do dono da casa expressava nenhuma satisfação de que ella se proseguisse.

Todavia, D. Josepha, quando já estavam sentados á lareira, porque a tarde era de março, disse:

— Não me sae da lembrança o nome de Francisco Luiz de Abreu!... A gente, quando entra a envelhecer, recorda-se de coisas da infancia, esquecidas no correr de muitos annos...

— A envelhecer!—disse risonho o hospede—vossemecê, minha senhora, está ainda muito no vigor da vida. Terá quando muito...

— Trinta e sete annos—concluiu D. Josepha.

— Pois ahi tem: ainda não chegou a meio caminho. E quem ha-de dizer que já aqui tem esta senhorita, que representa desoito, e apenas terá..

— Treze—disse a mãe, correndo a mão pelos cabellos negros da sua primogenita Anna Maria.

— E estes mocinhos, doutor? que destino tenciona dar-lhes?—perguntou o hospede.

— Se o meu plano fôr ávante, irá um para a companhia de Jesus, e outro para a medicina.

— Cuidado com a medicina!—observou jovialmente Francisco Luiz.—Faça-os ambos jesuitas, que os fará ambos dois grandes homens.

— Pois D. José receia—dizia Braz Luiz algum tanto acrimonioso—que um meu filho, se fôr medico, posssa parecer judeu?

— Deus me livre de receiar similhante coisa! mas a mim quer-me parecer que a inquisição, quando não ha judeus, encarrega-se de os fazer, talvez por ter lido as santas palavras de Jesus que resam: *é necessario que haja escandalos*.

—Como amigo—accudiu Braz Luiz—lhe peço que não falle assim diante de alguem. Lembre-se que está em Portugal, D. José!...

— Bem sei, meu amigo; e, se outra vez me esquecer, rogo-lhe que m'o lembre. Agora me estava eu imaginando entre pessoas que muito me estimam, por isso me deixei levar de uma invencivel propensão a estigmatisar as injustiças, ou ellas partam dos reis, ou dos ministros, dos papas ou dos inquisidores. D'isto, d'esta perigosa exempção e rudeza de espirito, procede não ter eu paragem certa sobre este solo cavado de abysmos, e andar-me sempre perigrinando de solidão em solidão, para ser ouvido da minha consciencia sómente...

— Em nossa casa póde fallar—retorquiu o doutor—como falla a sós com a sua consciencia, D. José Aristizaval. A observação peço-lhe que m'a receba de bom animo, porque entende com o seu socego e deve servir-lhe n'um paiz que vossemecê conhece pouco.

— Mercês, meu amigo!—tornou Francisco Luiz de Abreu.—O que eu sei de Portugal é verdadeiramente a historia da sua inquisição, e pouco mais... Ha pouco lembrou-me o nome de um condemnado ao fogo... tambem medico ou estudante de medicina... mas... passou-me... Deixe estar... Deixe vêr... Ah! recordo-me... Chamava-se elle Heitor Dias da Paz... Vossemecê havia de ouvir fallar de Heitor Dias da Paz, que, segundo me affirmaram, andaria por Coimbra desde 1701 até 1704, uma coisa assim, pouco mais ou menos.

Braz Luiz fitara os olhos n'um ponto da fogueira, como quem finge que se está recordando, e disse, corridos dois segundos, com profunda tristeza:

— Conheci-o.

— Pessoalmente?

— Pessoalmente.

N'este comenos, Braz Luiz, fitando o ouvido, como se ouvisse voz no interior da casa a chamal-o, ergueu-se.

— Ninguem te chamou, Braz—disse D. Josepha.

— Parece-me que sim... ouvi que me chamavam...

— Não serão familiares do santo officio, que me requeiram para maior gloria de Deus!...—observou o hebreu com comico tregeito de quem se esconde.

— Venha comigo á sala, D. José, se não tem muito frio—disse o *Olho de Vidro*.

— Quem fallou na inquisição que sentisse frio? Estas praticas são excellentes no inverno...—respondeu Francisco Luiz, cuidando que o seu hospedeiro amigo lhe ia solemnisar com toda a gravidade possivel os sustos de o vêr a braços com o santo officio.

(Continúa.)

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro,—242-1.º

LISBOA

TYPOGRAPHIA — DO — **POVO DE AVEIRO**

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisêmos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

"Povo de Aveiro,,

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas licções da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e prático da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações ácerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encommenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedaes se responsabilisam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200